

HOMENS EM FOCO

Ele tem tudo o que faz falta a um homem. É determinado, arrojado, culto, autêntico, trabalhador, poeta, amante. Além de tudo isto (e de muito mais) tem, ainda, cultiva mesmo, o humor muito próprio dos muito inteligentes. É um senhor nesta arte (difícil) de saber viver na selva da vida. Vida que o fascina, o abana, em cada novo ser que ajuda, no primeiro choro. É um sentimentalão. Eu diria mesmo mais: é um homem maravilhoso (lindo) e, ainda por cima, um ótimo chefe de família. É Director da maior maternidade do País. É um homem em foco.



JOSÉ MIGUEL RAMOS ALMEIDA

"nunca resisto a um desafio"

• Maria Guadalupe

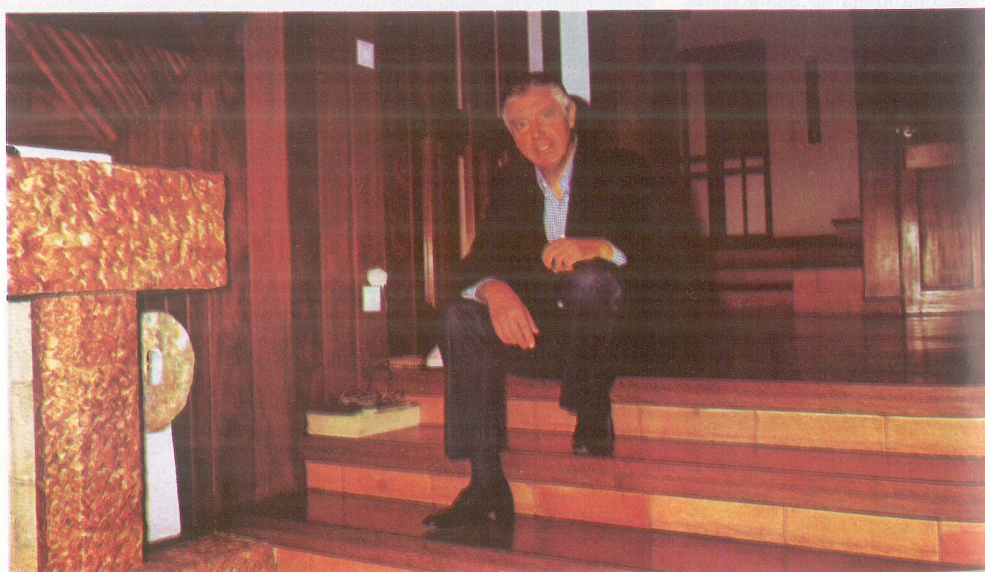
CRÔNICA ILUSTRADA — Está disposto a responder a algumas perguntas que lhe vou fazer acerca de si próprio?

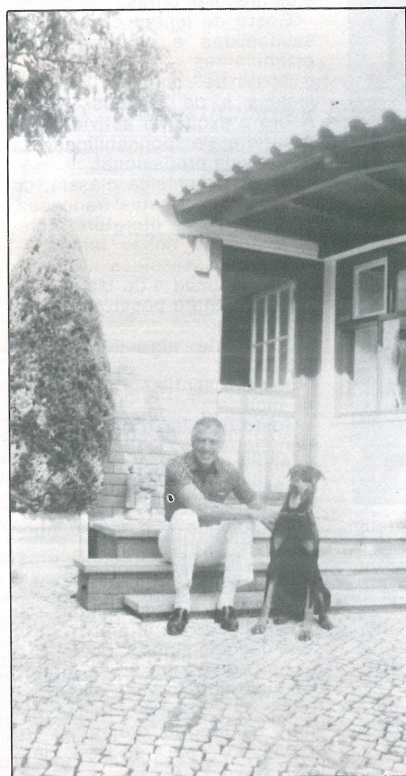
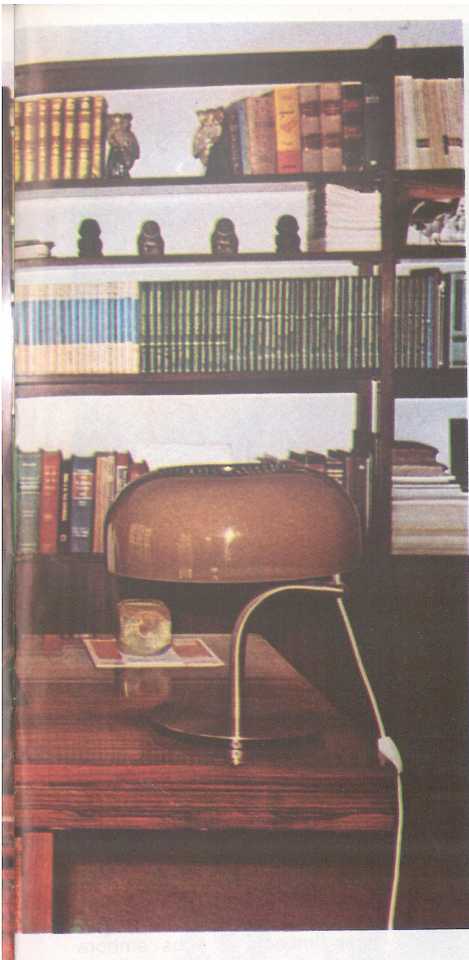
RAMOS DE ALMEIDA — Contrariado, mas estou. Por um lado detesto o vedetismo (neste caso sem vedeta) que aceitar aparentará, mas, por outro lado, dificilmente resisto a um desafio qualquer. Vou não resistir ao desafio.

C.I. — Uma história pediátrica começa, em regra, pelo nascimento.

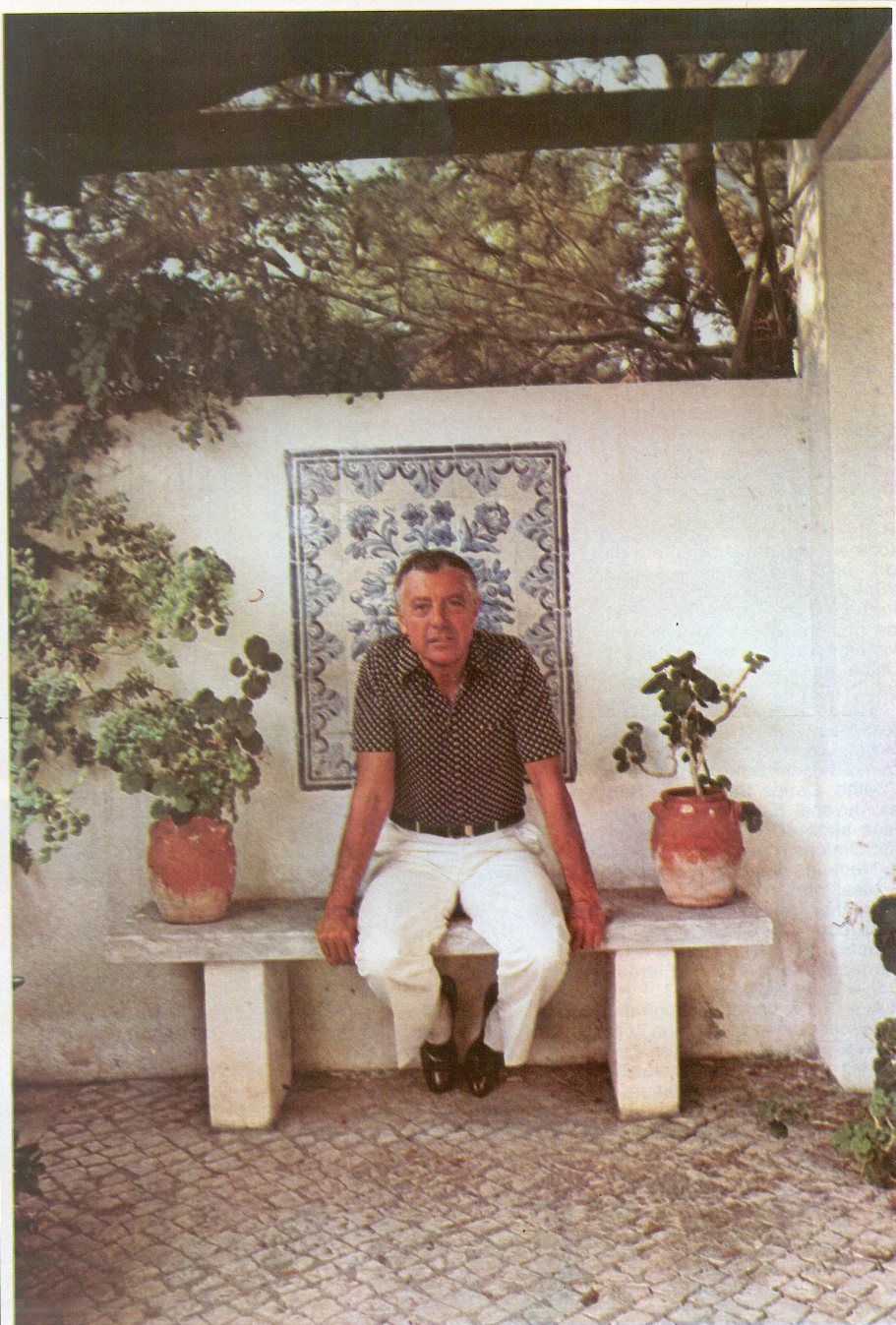
R.A. — Na verdade começa pela gestação, ou até antes. Porque esse é o meu "metier", tive a curiosidade de colher a minha própria história. Depois de uma gestação normal, nasci de termo, em casa, como era então hábito, na Avenida Elias Garcia.

Segundo a minha mãe parecia um chinês, o que quer dizer





Gosta de cães, de gatos e do autêntico lado da vida.



Gostaria de viver numa democracia musculada.

que devia ser engraçado, mas as mães nessa matéria são sempre suspeitas.

Fiquei para sempre com a pena de ter nascido numa avenida de Lisboa. Como dizia o Carlos Queirós preferia "ter nascido no seio da província", numa vilória qualquer onde tivesse criado raízes e uma segunda família — o farmacêutico, o barbeiro, os "habitués" do café.

C.I. — Voltando à história clínica da sua infância. Foi alimentado ao peito da sua mãe ou artificialmente?

R.A. — Como era e é de boa re-

gra, mamei durante algum tempo. Mas o leite de minha mãe era fraco e já estava a cair num estado grave de inanição, quando um tio meu, Valdemiro de Lima Rapozo, me foi ver e disse: "O rapaz está a morrer de fome até já tem o cabelo em pé!" A minha mãe levou-me então ao meu médico o Dr. Manuel Cordeiro Ferreira, que recomendou uma alimentação mista. Depois do primeiro "biberon" dormi doze horas de seguida e aumentei dois quilos nesse mês.

C.I. — E quanto à sua educação, qual o primeiro colégio

HOMENS EM FOCO

que frequentou?

R.A. — Aos cinco anos entrei para o St. Julian's, em Carcavilos, onde aprendi o inglês, a gostar do "british way of life" e a agir com a distância e o "self control" de um inglês. É verdade que, por vezes, grito e disparato, mas embora possa não parecer, tudo isso está a ser perfeitamente controlado.

C.I. — E depois?

R.A. — Depois a minha educação britânica recebeu uma tempera popular portuguesa num liceu de Alcântara, o D. João de Castro, onde estive sete anos. Comecei por apanhar muita pancada, mas consegui reagir e acho que me fez optimamente.

C.I. — E os estudos universitários?

R.A. — Fiz o curso de Medicina todo em Lisboa. O curso era dado nos moldes da época: "Spoon feeding", ou seja, um ingurgitar de noções sem grande preocupação pelo desenvolvimento da técnica de pensar, do espírito científico e da acção criadora.

Tive, porém, alguns bons professores: Xavier Morato, Jorge Horta, Jaime Celestino da Costa, Cid dos Santos, Eduardo Coelho, Carlos Salazar de Sousa, Juvenal Esteves, e nos últimos anos ao chegar às cadeiras clínicas o meu interesse pela Medicina cresceu imenso.

Mas, parafraseando o Gorki, a minha Universidade foi em casa com o estímulo vital e intelectual do meu padasto o Dr. Fernando de Abranches-Ferrão.

C.I. — E depois do curso?

R.A. — Fiz a carreira hospitalar toda, com cinco concursos com provas públicas. A pessoa que me fez nascer o gosto pela pediatria e que contribuiu imenso para a minha formação foi o Dr. Horácio Rey Colaço Menano, um dos homens mais inteligentes que conheci e um clínico e um pedagogo extraordinário.

Trabalhei no Canadá e nos Estados Unidos da América e hoje dedico-me especialmente à medicina do recém-nascido, na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, onde sou Director do Serviço. Publiquei, principalmente sobre neonatologia, mais de meia centena de trabalhos em revistas nacionais e estrangeiras, e sou Professor Associado convidado de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas.

Faço clínica há vinte e quatro anos e penso que essa parte da vida profissional, embora nos afaste algumas horas do hospital, é indispensável para o desenvolvimento de um verdadeiro sentido de responsabilidade e de missão.

C.I. — Que outras funções exerceu?

R.A. — Fui membro da Comissão Nacional para o Ano Inter-

nacional da Criança. Foi uma época de convívio estimulante e tivemos algumas acções com utilidade prática. Porém, cada vez tenho um sentimento maior da imoralidade que, perante a morte, todos os anos de milhões de crianças devido a doenças evitáveis ou pura e simplesmente de fome, pequenas acções deste tipo representam. Elas são antes a desculpa da nossa má consciência devido à nossa incapacidade de reagirmos contra o muito que em todo o mundo se gasta em material bélico e o pouco que se destina à saúde das crianças.

Na última reunião da Associação Internacional de Pediatria, em Barcelona, propus em nome da Sociedade Portuguesa de Pediatria, de que era então Presidente, que se mandasse um telegrama ao Secretário-Geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, pedindo, em nome dos milhares de pediatras ali presentes, que usasse da sua influência para que os governos dessem para a saúde uma pequena parte do dinheiro que destinam a material de guerra. A moção foi aprovada por una-



nimidade e o telegrama foi enviado. Nunca mais soube nada.

C.I. — Fale-me agora de si como pessoa.

R.A. — Olhe, citando os aspectos habitualmente focados dir-lhe-ei que não pertencem nem nunca pertenci a qualquer seita religiosa, partido político ou grupo onomástico. Não sou sócio do Grémio Literário nem "maçon".

Não vou a comícios políticos

nem a sessões de esclarecimento.

Penso que me sentiria bem a viver numa democracia musculada.

Pratiquei natação, hipismo, remo e boxe, e só por isso, fui sócio de alguns clubes desportivos.

Aprecio o convívio de pessoas naturais, verdadeiras, inteligentes, com personalidade e com sentido de humor.

Gosto de tascas, de restaurantes modestos, de bacalhau com batatas de todas as maneiras, e de vinho tinto "chambré". Abomino a chamada vida social e os "cocktails" e os jantares imbecis e ociosos embora cheios de presunção mediocré e de graçolas ultras.

Gosto de lentas cavaqueiras saudosistas e de discussões estimulantes.

Gosto de roupa de popeline inglesa e de sapatos velhos. Adoro a excitante actividade, o desafio e a responsabilidade da minha vida profissional.

Gosta de música clássica, de fado, de canções francesas, de tangos e de literatura. Acredito, que no nosso tempo — tempo de assassinos no sentido de Rimbaud e de Miller — a única literatura possível é a autobiografia.

Gosto de alguns (poucos) poetas.

Sou um sentimental de lágrima fácil.

Gosto de cães e de gatos; do Alentejo e de Trás-os-Montes; do mar e da montanha.

Gosto de vilas medievais, de florestas sombrias, do cheiro a terra molhada e a folhas apodrecidas, da solidão.

Numa palavra: pertenço ao signo de Gémeos e tenho todos os defeitos que os manuais da especialidade apontam às pessoas daquele signo.

C.I. — O quê, com a sua formação científica acretida nisso?

R.A. — Já o Sancho Pança dizia: "Yo en las brujas no lo creo, pero que las hay, las hay". ■